



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR - Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 39-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
Endereço telegráfico Tathaba - Lisboa - Telefone 5339
Officinas de impressão - Rua da Atalaia, 114 e 116

BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A greve gráfica

A greve das classes gráficas das casas de obras tem sido um dos movimentos operários que com mais tenacidade e ardor se tem sustentado. Para quem não esteja a par das mil e uma circunstâncias, que escapam aos olhos dos profanos e contribuem para o triunfo ou derrota duma classe, a notícia de que os grevistas das casas de obras vão regressar ao trabalho deixará a impressão de que os tipógrafos, exaustos, ao fim de noventa e tantos dias de luta se entregaram desalentadamente nas mãos dos patrões. Estamos convencidos, porém, de que outro tanto não dirão os industriais. Devem alguns deles, a esta hora, estar amaldiçoando a Confederação Patronal e agorrandos mal esta retomada súbita do trabalho. Eles sabem muito bem que os tipógrafos das casas de obras não terminaram definitivamente a greve, não foram forçados a voltar ao trabalho, mas simplesmente, por conveniência, para melhor garantir o êxito das suas reivindicações se apresentavam temporariamente.

Não se compreende que, sendo a classe tipográfica uma só, parte dela, a que trabalha nos jornais, esteja auferindo um salário e outra parte fique em condição de inferioridade. Tal facto não se pode dar, porque vai contra toda a lógica, toda a razão. Num mesmo a organização gráfica o permitiria. Isto sabem os operários: que regressaram ao trabalho. E por o saberem mesmo é que voltam a trabalhar. E, se os gráficos conhecem admiravelmente este ponto da questão, os patrões não o ignoram também. É o reverso da medalha que a muitos está assustando agora, sabedores de que não perdem com a demora...

Observando esta greve desde o seu início conclui-se que os industriais manifestaram sempre fraqueza, muita fraqueza que, francamente, os operários não souberam aproveitar. Por conveniência, a greve declarou-se parcial nas casas de obras e parcial tem sido até agora. A intervenção da Confederação Patronal não serviu se não para vir pôr mais em foco a manifestação dos industriais. Orgulhosamente, a Patronal, julgando que aniquilaria de começo o movimento dos gráficos, declarou o lock-out geral - que nunca foi geral - e o lock-out foi traído pelos patrões, que mostraram assim os seus pontos fracos: falta de coesão, impossibilidade de manter as suas casas paralisadas. Faldo o lock-out, a greve parcial prosseguiu, prejudicando as casas atingidas mais do que se uma

greve geral se tivesse produzido. As casas atingidas, para não perder a sua clientela, tinham de mandar fazer à casa alheia o seu serviço, do que resultava uma perda considerável. Por sua vez, as casas em laboração lutavam com uma grande falta de braços (de compositores, principalmente) o que lhes desorganizava o serviço. A Confederação Patronal não demonstrou senão a sua impotência, conseguindo apenas desacreditar-se aos olhos dos patrões que, em vez de protegidos dessa instituição, foram simplesmente vítimas.

A greve, pois, ante a desmoralização patronal, para sair triunfante apenas necessitava duma coisa - dinheiro. Tinham os trabalhadores da organização gráfica sido orientados de forma a poder lutar com esta dificuldade? Não. Não se fez a tempo a propaganda devida nesse sentido. Os camaradas que estavam trabalhando julgavam que todos os sacrifícios monetários que se fizessem seriam inúteis e os grevistas tiveram que voltar ao trabalho talvez mais devido à falta de solidariedade material dos que trabalhavam do que realmente à dos próprios grevistas, que se mostravam cheios de ardor e de espírito combativo.

Assim, ontem, na assembleia magna da classe, duas moções contraditórias apareceram sobre a mesa. Uma, aconselhando a retomada do trabalho e outra a continuação na luta. Postas à votação, houve empate de votos. Que fazer? Era uma situação rara, de difícil resolução.

Resolveram os grevistas a questão. Ante a divisão de opiniões, para não provocar scissões inúteis, decidiram (embora continuassem a luta se a classe afirmasse claramente essa vontade) retomar o trabalho.

Não se pode pois dizer que os grevistas saíram derrotados, devido à acção patronal. A atitude indefinida, imprecisa, inconsistente da classe é que tornou impossível o prolongamento da luta. Não se trata pois da derrocada duma greve, mas da resolução duma questão interna que interessa apenas à organização gráfica. Discutido o caso, posta a questão a claro, os grevistas poderão continuar a luta imediatamente se as circunstâncias a isso aconselharem, ou fazer estalar a greve, o que é mais certo, no momento em que aos patrões ela menos convém.

É por isso que os industriais não agorram bem este regresso ao trabalho; que muitos deles lamentam que a greve não se resolvesse agora, prevendo já que a demora lhes sairá muito mais cara.

CONTRA A FOME

Os artistas fazem um apêlo a favor do povo russo

Uma catástrofe horrível estalou na Rússia. Toda a colheita das regiões do Volga e Kama está aniquilada por uma seca sem precedentes. Há mais de vinte milhões de homens com fome. O cólera e o tifo destroem e abatem inúmeras vítimas. Depois duma guerra de sete anos, encontram-se, na Rússia, milhões de homens exaustos. Sucumbem. Sem o nosso auxílio, perder-se-ão. É nosso dever ir em socorro do povo russo tam tragicamente atingido. Ele tem necessidade da nossa ajuda imediata. Socorred-lo urgentemente é uma questão de humanidade.

Obrizados às leis da humanidade, convocados pela miséria imensa dos operários e camponeses famélicos, chocados pela força e intensidade desta catástrofe, unimos a nossa voz aos gritos de desespero que vem da Rússia e exclamamos ante todos os homens honestos: - Salvai o povo russo!

Formou-se em Moscú um comité de socorro às regiões famintas para ajudar o governo russo dos operários e camponeses na sua obra de assistência. Neste comité reiniram-se todos os partidos russos e os representantes da arte e das sciencias. Máximo Gorki dirigiu um tocante apêlo a Gerhart Hauptmann, que se ouviu no mundo inteiro. A Internacional Comunista faz um apêlo aos operários de todo o mundo para organizarem o combate solidário contra a fome e epidemias. Este apêlo fez com que em todos os países se formassem comités de assistência, que vão vencer a fome e as epidemias; eis o primeiro acto de solidariedade internacional depois da revolução de Outubro.

A Rússia dos Sôviets sangra. Humãos, não poderíamos ficar de parte, mudos, nesta hora imperiosa. Mistura-

mos a nossa voz com a voz daqueles que querem ajudar a Rússia; nós, pregadores do amor, suplicamos aos nossos aderentes que mantenham energicamente, com todas as suas forças, os actos de socorro em todos os países. Os corações e os cérebros dos homens são iluminados pelas estrelas da literatura universal que nasceram na santa paisagem russa. Que nós, reconhecidos, paguemos, portanto, a nossa dívida, dando pão, medicamentos e vestuário às regiões russas da fome.

O auxílio é urgente. Quem der de pressa, dá o dôbro. (A) Alemanha: Prof. Einstein, Käthe Kolwitz, Moissi, Alfons Paquet, Max Barthel, George Gross, Inglaterra: Bernard Shaw, América: Upton Sinclair, França: Henri Barbusse, Anatole France, Saica: P. of. Forel, Otto Volkart, Rússia Baixos: Henlette Gorki, Alemanha: Páiss: Máximo Gorki, Schalajapin, Suécia: Ture Nerman, Dinamarca: Andersen Nexø, Noruega: Johan Folkberget.

Aos homens livres e humanitários

Neste momento em que a Rússia se debate com uma tremenda crise económica, provocada principalmente pelas dificuldades que lhe criaram os governos dos outros países, impõe-se a solidariedade de todos os trabalhadores manuais e intelectuais para com o povo russo.

- Transporte..... 631\$36
Carlos Marques..... 250
Francisco Miguel Azevedo..... 250
Arnaldo Rodrigues..... 250
Júlio Matos..... 1900
A transportar..... 637\$36

DE BOM HUMOR

Tenho notado e facilmente se nota que as senhoras do chic, ao contrário do que faziam in illo tempore as senhoras suas mães e avós, já não se beijam quando se encontram e despedem, pelo menos na rua.

O facto explica-se. Como precisam de pintar-se resolvem não borrar a pintura umas às outras, como sucederia beijando-se mutuamente.

Higiênico e até mesmo lucrativo sob o ponto de vista moral, ainda com a apreciável vantagem de não causarem inveja aos mirões despertando-lhes o natural desejo de aplicar o seu chocho nos palminhos de casa provocantes das damas auto-pintoras.

Salva-se a moral e muita obra de arte, não se propagando aquelas moléstias contagiosas de que o beijo é veículo, na opinião autorizada dos sábios bacteriologistas que são capazes de exergar micróbios à vista desarmada e a três léguas de distância no badalo do sino grande de Maíra.

Poupa-se também muito baba que faz falta à digestão das comidas e evita-se bastantes lesões cardíacas e outras enfermidades resultantes do cio insatisfeito a que a beijoça serve de apêritivo.

Sob o ponto de vista económico não é menos apreciável a vantagem da falta de permuta do beijo entre senhoras que, deixando de beijar-se, poupam bastante em pó de arroz e pomadas ou cremes que estão pôs olhos da cara, levando coiro e cabelo - salvo seja - a quem compra estes artigos ou, melhor dizendo, a quem paga as reparações da violola e das moléstias cutâneas na fachada do belo sexo.

Outras damas, então, menos pelo receio das moléstias contagiosas do que pela repugnância do cheiro do tabaco queimado não apertam a mão dos cavalheiros das suas relações ou do seu conhecimento e, assim, matam três coelhos dum a bordoad: - livram-se do cheiro duma coisa que lhes desagrada e dá indício de contacto com o macho, poupam a benzina na lavagem das luvas e a tinta das mãos se as trazem a descoberto para mostrar as unhas polidas, mas como não há bela sem senão muitas das senhoras que assim procedem fumam cigarilhas em família.

Vai assim, por enquanto, mas como o costume faz lei e as exigências da moda, entre senhoras, vão subindo com a ourela das saias e a manga dos vestidos, cujos decotes descem na mesma proporção, é de supor que, dentro em pouco, as damas janotas usem as saias muito acima dos joelhos, as mangas pelos sovacos e o decote pela altura do umbigo, passando, ao mesmo tempo, a apresentar-se em público e rasar de cachimbo a amurada de qualquer marujo que é assim como quem diz vestidas à moda paradisíaca da mãe Eva e de caminhar ao canto da boca, sem receio de entortá-la.

Um falecido escritor e tribuno, quando exaltava as virtudes do bacalhau a pataco, no tempo das omiņas, disse uma vez, num comício, que o progresso se fizera quebrando os ídolos.

Hoje, ácerca de modas e entre senhoras, ai temos o progresso bem à vista. D'antes usavam elas a saia comprida e arrastada e a gola dos vestidos no seu lugar.

A mulher deixou de ser o ídolo recatado que era e se quebrou na mão caprichosa dos tailleurs e das modistas e converteu-se, por via de regra, numa verdadeira dame de chez-Maxime, aquela celebre «Lagaritixa» que bastante se evidenciou no antigo «D. Amélia», por obra e graça da sr.ª D. Angela Pinto.

Exceptuam-se, é lógico e claro, as excepções raríssimas. Cá por mim, puf!

Deixa andar, corra o marfim. Podem as senhoras mostrar-me tudo quanto quiserem e faz parte integrante do seu corpo, que eu não me zango por isso, antes pelo contrário.

O que é bom é para se ver. O que não presta tolera-se. E ninguém mais tolerante do que eu, inclusivamente com os tolerados da política de meia porta.

Quando as senhoras que embramam com o cheiro do tabaco, quando me virem passarem de largo porque eu fumo como um danado, e gosto tanto de fumo, que sou capaz de o fazer na cabeça de um tihoso, mesmo porque um homem defeituoso como eu sou precisa tanto dum vício qualquer para encobrir seus defeitos como as senhoras precisam de pintar-se para occultar ou amortecer os seus.

No Extremo-Oriente

O movimento insurreccional contra Merkulove

RIGA, 26.- Dizem de Vladivostok que os insurrectos organizaram um exercito numeroso, e o uparam a cidade de Nikolsk. Os japoneses recusam-se a auxiliar Merkulove. Os consules estrangeiros responderam-lhe que não se querem misturar às questões internas da Rússia. Os bancos estrangeiros informados sobre os acontecimentos, recusam-se a auxiliar Merkulove. Muitos soldados recusam continuar a tomar parte na guerra civil, e passam para o lado dos insurrectos. O jornal japonês «Vladivostok-Nippo» convida Merkulove a abandonar o poder, porque ele não tem o apoio de ninguém. (Rostz).

A questão da falta de água

O Conselho de Delegados occupa-se de novo do grave assunto

O Conselho de Delegados da U. S. O., antontem reunido, voltou a occupar-se da momentosa questão da falta de água, que constitua a ordem dos trabalhos.

Depois de novamente lido o relatório elaborado sobre o assunto, por alguns dos delegados não serem assistido à sessão transacta, Eduardo Jorge diz que se o operariado se não mover para a Companhia das Águas fará aprovar o relatório que tem pendente do parlamento.

Referese ao facto significativo de parte da imprensa não se ter referido a este assunto. Frisa o caso do actual ministro do comércio ter dito que o contrato é uma belesa. Analisando o relatório diz que a companhia é a única culpada da falta de água, competindo ao operariado não consentir que se passe o novo contrato. O relatório elaborado pela U. S. O. é verdadeiro em todos os seus pontos.

Faz voto porque o conselho trate o assunto como lhe merece afim de se chegar a um fim pratico.

Alfredo Pinto diz que a acção exercida pela companhia constitui uma verdadeira infâmia. As conferências do sr. Carlos Pereira e Alberto Tota foram apenas um combate de grilos. O operariado tem de manifestar-se devendo-se realizar um grande comicio num dia de semana e em que se afirme duma maneira categorica o caminho a seguir. Ponde de parte os platonismos, devendo também pôr de parte a imprensa burguesa. Apresenta a ideia do comicio como aliviar a ponderar.

Alexandre Assis discorda do comicio, optando por comícios por bairros, no mesmo dia.

Raul Baptista lamenta que alguns sindicatos e o publico não se interessem por esta questão. Analisando o relatório diz que a companhia pode até pagar a população à sede, ficando apenas ao abrigo da lei. As conferências tiveram por fim preparar um aumento de preço na água, o que não se deve permitir. O sr. Alberto Tota disse que o preço da água tem que ser aumentado para 1350, ao passo que Sousa Neves diz que, fazendo-se as obras realizadas, ela pode-se vender a 750, mas nós é que não queremos nada disto: queremos água com fartura e sem aumento de preço. Apreciando os ordenados do sr. Carlos Pereira, frisa que nenhum trabalhador viu o seu salario aumentado na mesma proporção.

Analisando depois os actuals preços cobrados pela companhia pelos diversos serviços que antigamente eram gratuitos, por eles se verificando o «grande amor» que Carlos Pereira diz nutrir pelo operariado.

Este assunto presta-se para fazer boa propaganda sindicalista revolucionaria e humanitaria, confiando o orador em que a commissão encarregada de dar execução dos trabalhos sobre esta grave questão não a descuidará e crendo que o operariado se interessará por ella. Se tal não visse ficaria profundamente magado. Novamente diz que se deve rebater em toda a parte a falsa afirmacão de Carlos Pereira de que é amigo do operariado.

O sr. Jerónimo geral esclarece ter o sr. Alberto Tota afirmado que, se o contrato passar no parlamento, o preço da água será de 1.300.

Alvaro Monteiro entende que, estando demonstrado haver fartura de água para se aproveitar, o operariado deve impedir que se aumente o seu preço e impor à Câmara que explore os poços e nascentes que existem em Lisboa, fazendo também uma forte pressão sobre as autoridades para se conseguir isto fim. Termina apresentando uma moção que é admittida.

Jerónimo de Sousa não concorda com a moção entre outros motivos porque ella diz que o Alviela não tem água suficiente o que não é verdade, porquanto nas investigações a que procedem a commissão verificou-se que a água do Alviela é sufficiente para o consumo da cidade. Apresenta a seguinte moção:

Considerando que das investigações feitas pela Commissão Administrativa e que constam do seu relatório se chega ás seguintes conclusões:

1.ª Que a companhia, para abastecer de água a cidade, não precisa de recorrer a fontes nascentes, pois que a nascente do Alviela tem água em abundancia, sendo só necessario aproveitá-la; que a companhia não faz o seu aproveitamento mas ainda a desperdicia, para justificar a falta de água e assim justificar também o novo contrato que, a ser aprovado, permitiria à companhia o aumento do preço da água ao consumidor; que as razões apontadas pela companhia da falta de verba para as reparações a fazer no seu material se não justificam, porquanto no seu relatório de 1920 apresenta um saldo de 507.537\$83; que depois de feitas essas reparações a companhia pode fornecer maior quantidade de água e por consequencia os seus lucros aumentariam.

2.ª Considerando que a ser aprovado o novo contrato, a companhia fica autorizada a aumentar o consumo de água e a colormo-lhe o speceter; O Conselho de Delegados, reunido para apreciar tam importante assunto, resolve:

1.ª Denunciar ao país as falcatruas praticadas pela companhia, unica responsável pelas catástrophes succedidas há alguns annos a esta parte, como o alastamento de epidemias, destruição de milhares de edificios publicos, e ainda outros incenios, que, se não fosse a falta de água, ficariam reduzidos a propósitos insignificantes.

2.ª Realizar um comicio publico onde toda a população de Lisboa afirme o seu protesto contra o procedimento da companhia e o novo contrato, que é atentatorio da dignidade e da bolsa do consumidor.

C. G. T.

Secção das Unioes

Reuniu a Secção das Unioes do Sindicatos, occupando-se da momentosa questão do inquilinato. Pelo secretario geral é exposto ter o Conselho Confederal resolvido que, logo que fosse annunciado que a lei do inquilinato seria submetida à apreciação do Congresso da Republica para ser alterada, se promovesse uma campanha tendente a salvaguardar os interesses e regalias do inquilinato, e como esse trabalho está cometido a esta Secção, entende o Comité Confederal convocá-la a reunir, a fim de estudar a forma como esse movimento deveria ser feito.

Faz entrega duns manifestos e folhetos respeitantes ao assunto e editados pela Fraternal dos Inquilinos do Porto, e ainda de outros elementos que muito poderão contribuir para o estudo da questão.

Todos os delegados da Secção concordaram em que, efectivamente, o que era necessario é realizar trabalhos e porque o Conselho Confederal já havia demarcado a orientação a seguir, a esta Secção cumpria executar, só devendo reunir o Conselho Confederal para tratar desta questão no caso de ella vir a tomar novo aspecto e que seja necessaria a reunião conjunta das duas Secções Confederaes.

Todo os delegados se espraíram em largos relatos de factos acontecidos entre senhorios e inquilinos, depois do que, entre outras deliberações respeitantes à campanha a fazer, ficou assente que pelo advogado do Conselho Juridico, ou por outro na falta deste, fosse elaborado um parecer fundamentado nas leis, para servir de base juridica ao movimento a levar à pratica em todo o país com a brevidade imposta pelas circunstancias.

Neste sentido esta Secção enviara uma circular especial a todas as Unioes de Sindicatos do país na devida oportunidade.

Comité Confederal
Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Comissão nomeada na reunião de delegados já ontem tomou posse

Tomou posse a commissão nomeada na reunião de delegados antontem realizada para dar execução ao movimento de protesto contra o pretendido contrato que vem aumentar escandalosamente o preço da água.

Pela commissão administrativa foram explicados os trabalhos realizados, procedendo-se à leitura de allegns.

Comissão trocou impressões sobre a forma de dar andamento aos trabalhos, ficando o assunto pendente da reunião que continúa hoje, ás 21 horas.

A Novela Vermelha

HOJE

IMPOSSIVEL REDENÇÃO

por Augusto Machado

E HOJE

posta à venda em tôdas as livrarias e na administração da BATALHA

Todos os trabalhadores que se mostram refractarios ou indifferentes a ingressar no exercito dos associados, converterem-se em inconscientes e doces instrumentos dos burgueses contra os seus proprios irmãos.

A utopia do sr. Barros Queirós

Porque caiu o governo da sua presidência

Teve o sr. Barros Queirós a gentileza de enviar também a A Batalha uma cópia da carta que dirigiu ao presidente da Republica expondo as razões que levou o seu governo a pedir a demissão. Essa carta tem para nós um interesse especial. Ela confirma absolutamente o que antontem e ontem disseamos ácerca da recente crise ministerial.

Assim, o sr. Barros Queirós declara que se criou um ambiente que o impossibilitou de efficaz e utilmente realizar as economias necessarias, ainda mesmo que o parlamento viesse a votar as medidas propostas, porque a resistencia passiva duns, a resistencia aberta doutros e o scepticismo do maior numero, fariam com que os resultados praticos fossem insignificantes.

E o sr. Barros-Queirós continua: Pretendo apenas ser útil ao meu país e sou forçado a reconhecer que nas circunstancias actuaes o meu esforço é inútil. Há trinta e dois annos que luto pela causa republicana. Nunca me conduzi por motivação de desprestigiacao a ideal que defendo. Julguei que o meu passadmo me dava direito ao respeito dos meus concidadãos. Não succedeu assim; excovalhos, faltas de consideração, insultos, grosserias e calunias castigaram a minha veleidade de pretender prestar um serviço ao País, já contava com a intrigas, com as difficuldades de toda a ordem, mas, confesso a minha ingenuidade, contava também com um ambiente de respeito pela minha sinceridade. A maior parte da imprensa agride-me, alguma chega a fazer insinuações, senão accusações, á minha honestidade.

A lutar a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas difficuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, como convinha nos interesses da ordem e da disciplina. Essas resoluções foram objecto de especulações politicas e não estão definitivamente arrumadas.

E depois disto, continuamos a perguntar ao sr. Barros Queirós se elle ainda alimenta a esperança de endireitar essa desorganizacao social que para ali está, se pretende ainda reformar o que não tem reforma possivel ou se, pensando connosco, já está convencido que a questão não está em reformar, mas sim em transformar.

A acção dos anarquistas no movimento social

Promovida pelo Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa, realiza amanhã na sede deste organismo, pelas 21 horas, uma conferencia o nosso amigo Cristiano Lima, subordinada ao tema: «A acção dos Anarquistas no movimento social».

Comité Confederal
Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

A crise na industria mobiliária

Contra a exportação de madeiras

A Federação Nacional dos Operários da Indústria do Mobiliário expõe ao governo as causas da crise e propõe as providencias que convém adoptar

Tem a Batalha tratado da crise que atravessa a industria do mobiliário entre nós, agravada extraordinariamente com a larga exportação de madeiras nacionais que está sendo permitida. O assunto que afecta os interesses legitimos dos nossos camaradas da industria do mobiliário tem sido por eles estudado com dedicacão e superior critério, e hoje ao ministro do commercio vai ser entregue pela Federação Nacional dos operários daquela industria a representação que reproduzimos e em que ao governo são expostas as causas da crise e propostas as providencias que é de urgencia extrema adoptar.

Encerrado o mercado de Hamburgo, centro abastecedor das madeiras por nós consumidas, tudo indicava que nos utilizássemos das madeiras nacionais, e até seria acertado que nos habituássemos a substituir as até então importantes, valorisando as nossas e impulsionando a industria nacional.

Não o quiz a ganancia dos especuladores! Das madeiras importadas, as poucas existentes no mercado foram muitas vezes multiplicadas no preço, e assim as mais usadas: casquinha, mogno, passante, etc, atingiram preços fabulosos, chegando a primeira, que em maior quantidade se consumia de \$06 o pé, que era o custo de antes da guerra, a \$250 e as outras respectivamente de \$06 e \$10 o quilo a 1850 e \$360.

Das madeiras nacionaes, o «pinho», «castanho», «noqueira», «faias», «freixo», «plátano», «sôbro», «azinho», etc., sabemos nós o que foi feito.

A ambição da riqueza da parte de alguns negociantes, ainda mesmo daquelles que blasonam de mais puro patriotismo, levou-os a reduzir a lenha uma grande parte dos arvoredos.

Afirmou-se então a necessidade de combustivel-lenha para as industrias, em substituição do carvão que não era possivel importar; e no entanto é notório, e V. Ex.ª conhece, o desperaço que foram votados os jazigos carboníferos já descobertos no continente.

E, como se não bastasse essa criminosa devastação, a 1 de Março de 1919 um decreto (o número 5.209) autorisava a exportação, embora com sobretaxa, das madeiras da metrópole.

Então, prevendo nós o aniquilamento

da indústria nacional e o lançamento à... São passados dois anos, e quando julgávamos já banido esse perigo...

Reunião do Conselho de Delegados... Reunião anteontem do Conselho de D... Reunio anteontem do Conselho de D...

O terrível "complot"... O sr. governador civil pretende à força merecer honras dum 'complot'... Noticiamos há dias que um anónimo...

Descarriamento de um combóio... Três ferroviários e um trabalhador feridos... Ontem às 6 e 10 saiu do Entrocamento...

VIDA POLITICA... Federação Municipal Socialista... Reunião do Conselho de Delegados...

VIDA POLITICA... Reunião do Conselho de Delegados... Reunião anteontem do Conselho de D...

GRANDES ARMAZENS DO Chiado CONTINUAÇÃO DA IMPORTANTE VENDA DE SALDOS NA GRANDE GALERIA DE Utilidades Domésticas os quais continuam vendendo com NOVAS BAIXAS DE PREÇOS EN TODAS AS VASTAS SECÇÕES!

da indústria nacional e o lançamento à... São passados dois anos, e quando julgávamos já banido esse perigo...

U. S. O. crise de trabalho Vida Sindical

Reunião do Conselho de Delegados... Reunião anteontem do Conselho de D... Reunio anteontem do Conselho de D...

O crime de Vila Pouca

A mãe da vítima faz a 'Batalha' importantes declarações... Procurou-nos ontem Vicência dos Santos...

COMUNICAÇÕES

Federação Metalúrgica em Portugal... Reunião do Conselho Administrativo...

TEATROS & CINEMAS

Reclames... O célebre Pina prossegue hoje no Gimnasio...

Sociedades de Recreio

Clube Recreativo Os Gheras... Inicialmente hoje as festas do 4.º aniversário...

OS QUE MORREM

FUNERAIS... No cemitério de Benfica sepultaram-se Maria Luísa de Freitas e António Duarte...

CONVOCACOES... Federação da Construção Civil... Conselho Técnico... Reunião hoje a assembleia de delegados...